

A LEMBRANÇA DO HOJE: UMA PROPOSTA DE REDISTRIBUIÇÃO DO OLHAR NA PERSPECTIVA DO LUGAR

GOMES, Rayane de Luna - ID¹
Universidade Estadual da Paraíba

MELO, Josandra Araújo Barreto de²
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Ciências Humanas

Resumo

Os processos de urbanização e as mudanças na paisagem precisam ser analisados para perceber a cidade como entidade urbana, apesar disso são escassos os estudos que visam entender os atributos de contiguidade numa progressão histórica e geográfica; pensando-se neste contexto, o estudo das dinâmicas urbanísticas (expansão urbana e transformação da paisagem) não pode deixar de se apoiar na Geografia, num determinado lugar para um público-alvo. A cidade de Campina Grande foi o lugar e o objeto que ainda permitirá compreender a construção social, o uso, consumo e os processos de apropriação numa articulação local-mundial e focada, principalmente, em alguns bairros populares da mesma cidade. Mediante esta compreensão, o presente artigo objetiva analisar a experiência desenvolvida, com enfoque na paisagem, nas aulas de Geografia das turmas do Curso de Magistério e Técnico em Eventos da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, localizada na cidade de Campina Grande. A relevância do objetivo deste trabalho originou-se com a análise do questionamento sobre o que necessitava aprimorar no ensino de Geografia para obter, como resultados, curiosidade e utilidade dos conteúdos geográficos para os alunos da Escola. Assim, a aplicação de questionários para elaboração de um diagnóstico possibilitou averiguar que a falta de contato com a realidade traduzia-se no desinteresse e na inutilidade do aprendizado geográfico e, como complemento para esta hipótese, um novo grupo de questões foram formuladas com a intenção de conhecer o que mais chama a atenção na Cidade e todas as respostas foram direcionadas para estruturas e elementos centrais; portanto, é a partir de uma tendência fenomenológica que pretende-se redistribuir o olhar dos alunos para parcelas mais adjacentes da cidade de Campina Grande e exibir suas relações e peculiaridades.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Dinâmicas paisagísticas; Bairros de Campina Grande;

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB. Email: raiannedyluna@gmail.com

² Professora do Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Coordenadora da Área de Geografia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB. Email: ajosandra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Campina Grande apresenta uma importância significativa no interior da região Nordeste, e mais ainda no Estado da Paraíba. Dessa maneira, à primeira vista, ela pode impressionar bastante a quem chega e identifica sua dinâmica urbana e importância regional, que resulta na concentração de atividades em alguns pontos mais adjacentes da Cidade, apresentando contrastes expressivos explicitados mais adiante.

Antes de tudo, vale topificar alguns dos vários trabalhos historiográficos e geográficos em que Campina Grande foi objeto de estudo, a partir da percepção do seu crescimento econômico e populacional, suas rugosidades e, mais importante, sua dinâmica comercial e industrial, a qual desde 1951, já impressionava Müller (1951-52, p. 24-32) apud (CARDOSO 2002, p. 42) ao falar *da enorme vitalidade de Campina Grande, concretizada pelo seu notável crescimento [...], movimento de suas ruas e na atividade da população*; a saber, Datas Campinenses (Epaminondas Câmara), Campina Grande e sua função como capital regional (Maria Francisca Theresa Cardoso), O pequeno comércio no interior do Nordeste do Brasil: estudo sobre comércio na cidade de Campina Grande (Nilson Crocia de Barros), A cidade e a festa no interior do Nordeste: espetáculo de poder, modernização e transformação cultural em Campina Grande – PB (Carlos Augusto de Amorim), Campina Grande de ontem e de hoje (Celso Mariz), dentre outros trabalhos.

A importância que se dá em citar e compreender, posteriormente, as mentes de investigação do objeto em questão têm como objetivo convidar o leitor a conhecer algumas experiências e hipóteses criadas a partir de um amadurecimento de observações em três turmas de Ensino Médio profissionalizante da Escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana Correia, por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, Subprojeto de Geografia.

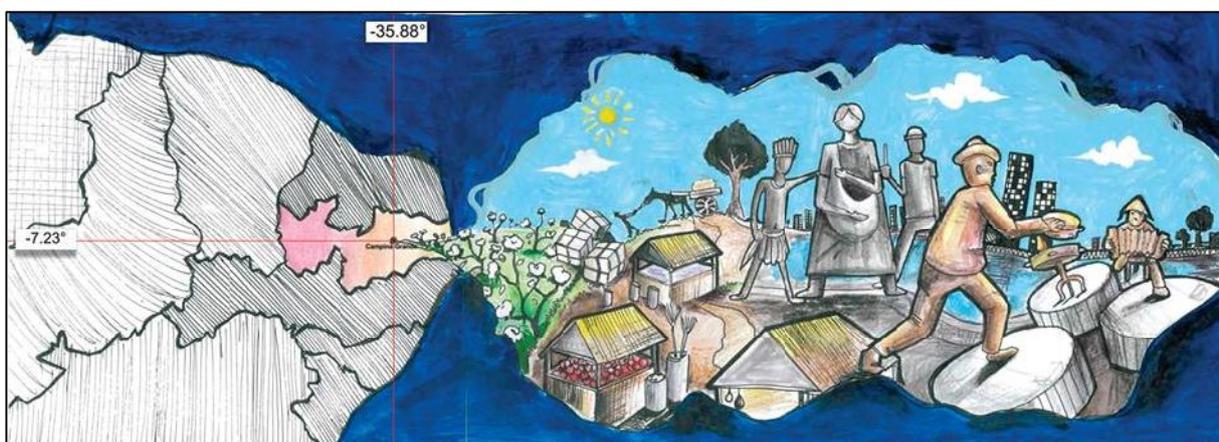
Num contexto de desinteresse pelas aulas de Geografia, mesmo com o auxílio da tecnologia, as aulas de campo e o maior contato com a realidade embasaram as conclusões das primeiras investigações a respeito do que precisavam para tornar a Geografia útil à vida dos alunos. E como complemento para as investigações, um novo questionário comprovou aquelas necessidades, uma vez que ao perguntar sobre o que lhes chamavam atenção na Cidade, os olhares estavam induzidos para os pontos turísticos, pontos estes exibidos

enfaticamente pela mídia em geral desconsiderando, assim, a importância representativa histórica e geográfica das áreas adjacentes.

Mediante esta compreensão, o presente artigo objetiva analisar a experiência desenvolvida com enfoque na paisagem e no lugar – Campina Grande, nas aulas de Geografia, das turmas do Curso de Magistério e Técnico em Eventos da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, localizada na cidade de Campina Grande, PB.

2. CAMPINA GRANDE E O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E ECONÔMICO

MAPA 01. LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB NO BRASIL, COM SUA TRAJETÓRIA ECONÔMICA SIMPLIFICADA



DESENHO: Claudenor Júnior – JED (grafiteiro) / Rayane de Luna Gomes. Campina Grande, maio de 2013.

FONTE: disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250400>> ALTERADO.

A cidade de Campina Grande, localizada no Agreste paraibano, à 122 Km da capital João Pessoa, conta, segundo informações do IBGE (2010)³, com aproximadamente 400 mil habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa da Paraíba, com destaque no campo de inovações tecnológicas e no setor comercial. A mesma começou seu crescimento mais acelerado em dois períodos: primeiro com a chegada da linha férrea e segundo com a construção da rodovia que corta o Estado no sentido leste-oeste (BR-230), no início e meados do séc. XX, respectivamente. Passou por importantes mudanças urbanísticas na década de

³ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250400#>>

1940 a fim de tornar-se uma *urbs* moderna que conseguisse despertar o comércio e a indústria de outros Estados; Joffily (1976, p.387-9) apud Cardoso (2002, p.42) afirmava, naquela época, que não havia dúvidas sobre o desenvolvimento moderno e atrativo que a Cidade iria adentrar, pois *sua porção topográfica [...] está destinada a ser o empório do Sertão, e já de alguma o é. [...] é ela um ponto obrigatório de passagem de todo o comércio sertanejo.*

Analisando o livro “Datas Campinenses” de Epaminondas Câmara (1998), o plano urbanístico de Vergniaud Wanderley principalmente em seu segundo mandato (1940-45), permitiu que houvesse uma nova configuração espacial “limpando” a área central para o alongamento desta e de seu movimento comercial; até então, Campina Grande apresentava apenas 1938 casas, 7 praças, 3 travessas, 38 ruas e 5 bairros inclusive o central (p. 95). Com a entrada de Vergniaud na prefeitura surgiram bancos, mercados, escolas e novos prédios, com destaque para o Grande Hotel: *O comércio dilatou suas atividades pelo interior dos Estados vizinhos, e na cidade foram instalados armazéns por atacado, de tecidos, ferragens, [...] etc., etc. apareceram fábricas de [...] tecidos grossos e sacaria, laticínios, móveis, calçados, etc., etc* (p. 135).

No âmbito mundial, os EUA atravessava um momento de guerra interna na segunda metade do século XIX: a denominada guerra de secessão; o conflito envolve os Estados do Sul, latifundiários, escravistas e principais produtores e fornecedores de algodão da Inglaterra, e do Norte dos Estados Unidos, incentivadores do desenvolvimento industrial. Estas diferenças de ideias seriam fundamentais para se determinar o progresso econômico do país e do Nordeste brasileiro. Assim, os Estados do Sul assinaram a rendição, após muitas mortes, e o Norte venceu, demonstrando e assumindo seu poder de desenvolvimento industrial, tecnológico e econômico, incapacitando o Sul de manter relações comerciais agrícolas com a Inglaterra, esta por sua vez optou por comprar grandes volumes de algodão ao nordeste brasileiro.

A Cidade registrou grandes transformações com a expansão de novos mercados devido ao aumento populacional que a dinamizaram juntamente com as feiras tradicionais, as quais resistiram significativamente à expansão daqueles mercados, a paisagem urbana com novas construções, casas comerciais, etc., crescendo também dentro dos próprios espaços do comércio popular, que foi se desenvolvendo com a origem dos bairros, lançando Campina como um importante centro de investimentos e consumo a nível regional, segundo os padrões do capitalismo da época. Apesar deste notável crescimento, Campina Grande possuía pouca

funcionalidade industrial, pois haviam apenas duas grandes firmas multinacionais de beneficiamento de algodão que se instalaram em 1935: a SANBRA (filial de uma multinacional Argentina) e a Anderson Cleyton (filial norte-americano).

Ao mesmo tempo, as redes viárias favoreceram novos setores da economia campinense, como os serviços educacionais e hospitalares, tornando-se um importante centro fornecedor destas atividades. Os setores turísticos e culturais veem, também, notadamente crescendo com realce para os museus da Universidade Estadual da Paraíba e o Teatro Severino Cabral; seus pontos turísticos (mapa 01) compreendem principalmente o Açude Velho, Os Pioneiros, estátuas de bronze de Luíz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, entre outros elementos que promovem movimentação urbana.

2.1. A escola, as turmas e o ensino de Geografia

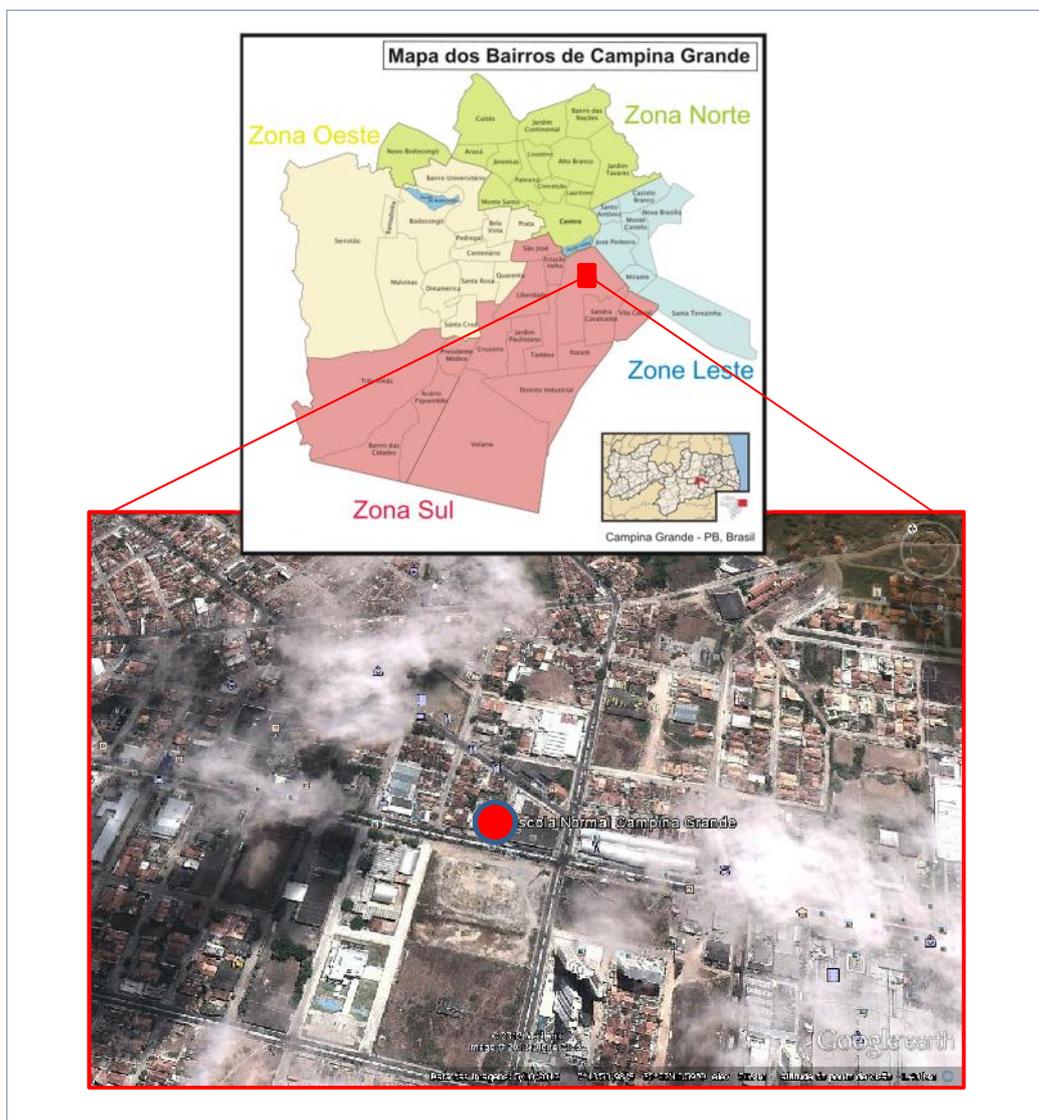
Segundo o censo do IBGE de 2009, em Campina Grande há 584 escolas, sendo que 54 são de nível médio; dentre estas se insere a escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana Correia, localizada na Av. Brasília, no bairro do Catolé (observar mapa 02). As três turmas analisadas apresentam, como peculiaridade, poucos alunos do sexo masculino, sendo então a maioria feminina, com idade e interesses bastante variáveis. Utilizando-se como técnica investigativa as entrevistas, notou-se, além do que foi relatado anteriormente, que o maior número de alunos (cerca de 50%)⁴ reside nos bairros do Catolé, José Pinheiro e Liberdade, havendo outros bairros representados por poucos alunos em cada um deles, e a grande maioria dos entrevistados consideram, como símbolos da paisagem campinense o Açude Velho, o Terminal de ônibus “Integração” e o monumento dos Pioneiros, poucos alunos lembraram de seu bairro.

Concomitantemente, verificou-se nessas turmas, principalmente para os que se inserem no Curso Médio Técnico Integrando em Eventos, que o ensino de Geografia tinha o objetivo de *localizar* e, posteriormente, *conhecer* mais os pontos turísticos distribuídos na cidade para integrar o visitante ao conhecimento da mesma; à exemplo da aluna do segundo ano, Karoline Carvalho da Silva, que ressalta a importância da Geografia para que *nós possamos situar em todos os locais e também para podermos trabalhar melhor o local onde estamos*. É a partir

⁴Foram entrevistados cerca de 60 alunos

deste modo de pensar que aproximadamente 96% dos alunos entrevistados querem concluir o curso e exercer a profissão.

MAPA 02. LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA NORMAL, NO BAIRRO DO CATOLÉ, EM CAMPINA GRANDE/PB, NO GOOGLE EARTH (pontos vermelhos)



FONTE: imagens editadas (mapa dos bairros, localizado no Wikipédia, e recorte do Google Earth, localizando a Escola Normal)

Dessa forma, o ensino de Geografia deverá ser direcionado para o preenchimento das lacunas verificadas e deve construir conceitos que influenciem a vida dos alunos, através do resgate das categorias paisagem e lugar em conteúdos corriqueiramente trabalhados em sala de aula, favorecendo aquele conjunto de ideias a respeito do objetivo da Geografia, por parte

dos alunos, ao mesmo tempo desencadeando um sistema local-global de acontecimentos histórico-atuais.

3. METODOLOGIA

3.1. *Método de abordagem*

Com o intuito de construir uma abordagem numa perspectiva local, a partir dos conhecimentos que se apresentam em sala de aula, foi preciso uma postura de observação e da realização de entrevistas como recursos para a abordagem empírica numa tendência fenomenológica, o que significa que

[...] para elaborar a informação geográfica a análise de discursos [...] a incorporação dos dados contraditórios exprimem-se em diferentes técnicas de investigação como, por exemplo, a pesquisa-ação, a pesquisa participante, as entrevistas e, como atitudes básicas da pesquisa científica, a observação, a análise e a interpretação (AGB, 2001, p.102).

3.2 *Técnicas implementadas*

A estruturação do olhar com base nas categorias geográficas lugar e paisagem constitui uma lógica para apreender as transformações históricas e pouco captadas pela visão estática da sociedade ou, neste caso, no interior da sala de aula. Os alunos conheceram, primeiramente, a proposta do projeto “A fotografia como instrumento de leitura da paisagem da cidade de campina grande: a perspectiva do olhar geográfico” que tem como objetivo trabalhar o conceito de paisagem acoplado com o objetivo geral da Geografia para o Ensino Médio com base em uma junção bibliográfica pré-estabelecida; posteriormente, através dos questionários, foi possível identificar os bairros em que os alunos vivem e qual é a afetividade que os mesmos têm com aquele determinado lugar, verificando que os trabalhos deverão ser orientados para o estudo de alguns bairros e para a formação de alunos-pesquisadores.

Simplificando as atividades realizadas com os alunos do primeiro ano, no turno da tarde, após ter trabalhado teoricamente conceitos geográficos e aspectos relevantes da história local e sua representação mundial, tem-se três momentos: comparação entre paisagens dos bairros José Pinheiro, Liberdade e Catolé e desenvolvendo habilidades de leituras fotográficas; pesquisa individual sobre as transformações paisagísticas identificadas no olhar de alguns moradores idosos residentes no bairro do aluno e apresentação dos dados colhidos e

sua análise em sala de aula; e, ainda em andamento, utilização dos *tablets* para favorecer a produção de pesquisas *in loco* e para a criação de um jornal escolar, com base em matérias jornalísticas atuais.

4. A PAISAGEM URBANA DE CAMPINA GRANDE: SUAS RELAÇÕES E DIFERENCIAÇÕES

A ideia de paisagem relaciona-se ao visível de imediato e através da mesma conclui-se, na maioria das vezes, que as mesmas são estáticas e superficiais, porém nelas há apropriações visíveis, que contemplam todas as dimensões humanas, que são fácies de serem identificadas no lugar por aqueles que nele vivem.

No subtítulo “As mutações da paisagem: o estrutural e o funcional”, do mesmo livro de Milton Santos, o autor discorre sobre o sentido que a sociedade urbana atribui às estruturas citadinas e o que estas definem funcionar; assim, funcionalidades e a sociedade adentram num diálogo constante para que haja um real valor e coerência da existência daquelas estruturas. Com isso, uma determinada rua pode chamar mais atenção que outras, até em pequenos bairros, em virtude de sua diferenciação funcional, como comprova os exemplos de paisagens urbanísticas que se seguem, e que não por acaso são localidades de vivência dos alunos entrevistados. Bairro da Liberdade, José Pinheiro e Catolé: o que há em comum? O que as diferenciam? Em qual o horário o ritmo de movimentação é maior? Por quê? São estas indagações que deram suporte para a leitura fotográfica promovida no primeiro momento.

4.1.O bairro da Liberdade

Com 16.603 habitantes e localizado na zona sul de Campina Grande, o bairro da Liberdade apresenta agrupamentos comerciais, principalmente no campo alimentício, especificamente na Rua Odon Bezerra, tornando-a sub-centro popular de comércio e possibilitando uma independência com a área central.

O dinamismo comercial e de pessoas, no mesmo bairro: de manhã, o fluxo é apenas de veículos e, à noite há a soma de veículos, pessoas, comércio ambulante e estrutural na mesma via. Outro aspecto a ser identificado e analisado nas imagens é a coexistência de pequenos e grandes empreendimentos no mesmo espaço: é possível identificar que, juntamente com os tipos de comércio mais desenvolvidos ainda existem pessoas ambulantes,

vendendo seus produtos em carrinhos de lanche ou mesmo em mesas em frente às suas residências. Estas representam uma significativa parcela do comércio campinense que se abastecem de poucas quantidades de produtos e mantêm uma relação muito mais afetiva com o consumidor que varia, dependendo da situação financeira: “*quanto mais pobre é a população, menor é a dimensão dos comércios*” (SANTOS, 1988, p. 168), assim, há uma expressiva presença de empresários com poder de compra agregada com pequenos empreendedores que sobrevivem com a venda de churrascos, cachorros-quentes, CDs e DVDs piratas, etc., e com relações mais afetivas e diretas com o dono do negócio.

4.2. O bairro José Pinheiro

Atualmente, o quarto maior bairro de Campina Grande, com aproximadamente 37.000 habitantes. Retém grande tradição na fabricação de calçados e um comércio muito ativo na Rua Campos Sales, uma das principais vias e que tem com a Rua Joana D’arc uma das esquinas mais movimentadas de Campina Grande. O nome da rua presta homenagem a um ex-presidente da República que tomou posse entre 1898 e 1902, com a proposta de recuperar a situação econômica do Brasil.

Com origem no comércio, pelos moradores José Dantas e Marinheira Agra, José Pinheiro receptou vários moradores da zona rural e de outras cidades, permitindo uma rápida transformação de seu traçado rural para uma complexa ocupação comercial e fluxo de pessoas, **nos três turnos**, as quais procuram por açougues, supermercados, farmácias, óticas, casas de materiais de construção, entre muitos outros, principalmente na Rua Campos Sales, a qual, segundo Diniz, *abriga ainda, nas suas calçadas, o comércio de alguns feirantes que há alguns anos vem expandindo, principalmente nos finais de semana [...] (2009, p.75).*

O comércio ambulante concorre com os que exibem suas mercadorias nas calçadas, caso parecido com a situação da Rua Odon Bezerra, com relação a outros produtos.

4.3. O bairro do Catolé

Localizado na zona sul de Campina Grande, o Catolé é o bairro com mais investimentos dos setores públicos e privados, implicando no afastamento da apropriação por parte da grande massa de consumidores de baixa renda. A Avenida Severino Bezerra Cabral,

tem uma tendência de centralização da atividade comercial com a presença do *Boulevard Shopping*, mais a frente; este, expressa uma organização complexa, envolvendo elevados investimentos e afastando os segmentos comerciais populares.

Deste modo, a força dos mercados globais, presente no bairro, assume grandes dimensões em uma economia globalizada, representada pelos setores automobilísticos, como a Nissan e Mitsubishi, do Japão, Renault, da França, entre outras marcas que, com estratégias de mercado, instalaram-se neste traçado devido à integração com a BR-230 e, conseqüentemente, a dinâmica de carros que por ali passam. É importante observar que o fluxo de pessoas durante o dia não é notadamente identificável, em relação aos bairros citados anteriormente, e durante à noite as lojas se fecham (não considerando-se o fluxo comercial *shopping*).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral da disciplina de Geografia no primeiro ano de Ensino Médio envolve o conhecimento da organização e representação do espaço, o qual se fragmenta em vários outros objetivos, a fim de compreender criticamente a interação sociedade-natureza. No bojo das discussões sobre o conhecimento que será inserido nas salas de aula, a avaliação se traduz numa ferramenta importante para a construção e desenvolvimento de todas as potencialidades de cada aluno; isso porque cada aluno vivencia e participa da aula de forma diferente devido a relação com o conhecimento prévio, e é a partir deste raciocínio que provocará a motivação e interesse. Portanto, o processo avaliativo deve compreender a análise da prática pedagógica sob os conteúdos e resultados adquiridos nesta ação.

É a partir desta prática que haverá um progresso no processo educativo, pois o questionamento e a interligação com os conteúdos gerais serão mais claros e subjetivos, responsabilizando o alunos diante de sua função investigativa e crítica, à começar pela percepção do próprio lugar. Particularizando tais discussões para práticas exercidas na Escola Estadual Pe. Emídio Viana Correia, com a turma de primeiro ano de Ensino Médio, coube a Geografia ser direcionada a mesma considerando suas necessidades e falhas, que foram citadas no item 2.1, deste mesmo artigo.

Como “critério” avaliativo, um estudo de campo foi proposto, num segundo momento, com o objetivo de identificar a visão de moradores antigos residentes do bairro e

distrito onde cada aluno reside; o contato maior e significativo com a realidade, associação com o conteúdo posto em sala sobre mutações paisagísticas e envolvimento com os colegas foram os primeiros resultados desta proposição (ver fotografia 06); além destes um conjunto de cartazes fotográficos com a apresentação dos idosos entrevistados foram reunidos para uma exposição.

A produção do conhecimento pelos alunos despertou interesses à cerca de um conteúdo que eles mesmos investigaram, havendo, no momento da aula, um sentido de pertencimento, criticidade e até de afetividade maior com o bairro por meio da visão de outras pessoas. A segunda fotografia denuncia o terceiro momento de atividades, ainda em andamento, na mesma turma: com a falta de internet na Escola e o desprezo com os *tablets* do MEC, um novo estudo de campo foi realizado com base em textos jornalísticos transmitidos pela mídia recentemente; trata-se de utilizar a tecnologia para favorecer a produção de pesquisas *in loco* e para a criação de um jornal escolar, assim, a turma foi dividida em duplas ou trios (pois alguns *tablets* apresentaram problemas no momento da pesquisa) e, posteriormente, os mesmos selecionaram alguma matéria jornalística que estavam impressas e encima da mesa e que envolviam assuntos sobre educação, valorização mobiliária, venda de veículos, cultura, dentre outros.

Os grupos utilizaram o gravador e a câmera do *tablet* para colher informações que completem as matérias, selecionadas por eles, com acontecimentos do lugar. Todo o processo foi feito dentro o horário de aula (duas aulas de 40 minutos) e, ao final, passaram, por via *bluetooth*, fotos e áudios colhidos para o *tablet* da professora e, em breve, o produto jornalístico será distribuído para todos da Escola.

São pequenas ações e tentativas que dinamizam as aulas e a própria disciplina, principalmente quando o aluno se sente engajado pela própria realidade.

FOTOGRAFIA 06 E 07. À ESQUERDA, ALUNA DO PRIMEIRO ANO ENTREVISTA IDOSO DO DISTRITO DE GALANTE, CAMPINA GRANDE/PB. À DIREITA, ALUNOS EXIBEM SEUS TABLETS APÓS SEREM UTILIZADOS



FONTE: ABREU, katia Emanuelle. / GOMES, Rayane de Luna. Maio de 2013.

6. REFERÊNCIAS

AGB. Paradigmas de Geografia Parte I. **Terra livre**. São Paulo, n° 16, p. 1-223, 2001. Semestral.

CÂMARA, E. **Datas Campinenses**. Campina Grande: RG Editora e Gráfica, 1988.

CARDOSO, C. A. de A. **A cidade cogumelo: Campina Grande das feiras às festas**. Mercator: Revista de Geografia da UFC, n°2, p. 41-60, 2002.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: LABUR, 2007.

DEMO, P. **Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DINIZ, Lincoln da Silva. **Permanências e transformações do pequeno comércio na cidade: as bodegas e a sua dinâmica sócio-espacial em Campina Grande**. Campina Grande: EDUFCG, 2009.

JOFFILY, I. **Notas sobre a Paraíba**. Fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro, em 1892, com prefácio de Capistrano de Abreu. Brasília: Thesaurus Editora, 1976.

NICE LECOCQ MÜLLER. **Campina Grande: notas de Geografia urbana**. Relatório. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros V. VI tomo II - 1951 – 1952, São Paulo, 1958, p. 24-32.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.